

## Aproximações teóricas entre a folkcomunicação e os estudos de mídia e movimentos sociais

Wesley Dalcol LEITE<sup>1</sup>

### Resumo

Este trabalho tem o objetivo verificar se existem aproximações entre os conceitos teóricos da folkcomunicação com as pesquisas sobre comunicação e movimentos sociais contemporâneos. A análise comparativa foi realizada através da pesquisa bibliográfica sobre folkcomunicação, proposta por Luiz Beltrão e atualizada pela Rede Folkcom de Estudos e Pesquisa, relacionando-a com estudos de comunicação e movimentos populares nas obras de John Downing; Manuel Castells; e Círcia Peruzzo. Verificou-se que, embora não exista referência à folkcomunicação nos estudos dos autores analisados, a teoria beltraniana através de abordagem culturalista oferece subsídios para a análise da comunicação interna na mobilização política. Por outro lado, Downing, Castells e Peruzzo contribuem para diminuir as lacunas nos estudos de folkcomunicação, sobretudo no estudo do contexto social político e econômico em que os grupos se inserem.

**Palavras-chave:** Folkcomunicação. Teoria da comunicação. Ativismo midiático.

### Introdução

O surgimento dos movimentos sociais contemporâneos tem uma significativa relação com o advento da imprensa. Os veículos de comunicação possibilitaram que as pessoas conhecessem ações reivindicatórias e estratégias de protestos de outras regiões, assim como tivessem visibilidade, ganhando força de articulação política em esferas maiores que somente a local (TARROW, 2009, p. 66-71).

Com o barateamento dos custos de impressão, com a radiodifusão livre<sup>2</sup> e comunitária e, recentemente, com as novas tecnologias de informação e de comunicação, a sociedade civil têm criado espaços midiáticos próprios, seja para a

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. E-mail: wesleydcom@gmail.com.

<sup>2</sup> O termo se refere à transmissão de informação feita de forma ilegal por agentes da sociedade civil, que, de forma pejorativa, tem sido chamada de “pirata”.

comunicação interna em uma comunidade ou para difundir ideias a outras comunidades e grupos.

Martín-Barbero (2009) defende uma ampliação dos estudos da comunicação entre os atores da sociedade civil – a mediação. Segundo o autor, historicamente as pesquisas em comunicação têm se voltado para o estudo da mídia, sobretudo da mídia hegemônica e, por vezes, ignoram-se as relações dos indivíduos em seu contexto cultural, político e econômico.

No Brasil se desenvolveu uma perspectiva teórica que dá ênfase aos processos comunicacionais e suas relações com as culturas populares. Na perspectiva da folkcomunicação, agentes das culturas tradicionais – através da comunicação – criam e reinterpretam significados para as comunidades em que estão inseridos. Embora não desconsidere a influência da mídia massiva, a teoria defende que a folkcomunicação possui mais significância para o grupo, pois devido a sua proximidade de interação se tem mais confiabilidade.

A folkcomunicação, criada por Luiz Beltrão na década de 1960, tem ganhado adeptos brasileiros atualmente com a Rede de Pesquisa e Estudos em Folkcomunicação, que organiza núcleos de pesquisa, conferência nacional, revista científica, entre outros espaços de divulgação. Em esfera internacional, a corrente de pensamento ganhou visibilidade em eventos como o Alaic (Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación) e Ibercom (Associação Ibero-Americana de Comunicação).

A partir do objeto de estudo da folkcomunicação, a comunicação de grupos populares, essa pesquisa verifica se os conceitos dessa teoria brasileira têm proximidades com autores que investigam a interface mídia e movimentos sociais. A hipótese é baseada nos apontamentos das teorias dos novos movimentos sociais, especialmente de Melucci (1996), o qual afirma que a mobilização política é formada por laços de solidariedade e identificação. Considera-se que os movimentos sociais podem ser agentes da cultura popular, pois esses formam identidades coletivas em grupos não hegemônicos.

Atualmente existem muitos pesquisadores de mídia e ativismo político. Porém, através da observação quantitativa - no portal Periódicos Capes<sup>3</sup> - de artigos científicos

---

<sup>3</sup>O portal Periódicos Capes foi escolhido porque reúne um grande número de revistas científicas nacionais e internacionais. Além disso, a ferramenta realiza busca apenas em periódicos indexados, que atendam aos critérios mínimos de qualidade, de acordo com a avaliação denominada Qualis. Foram encontrados

na área nos últimos três anos se verificou a predominância da referência a três autores: John Downing; Manuel Castells; e Cicilia Peruzzo.

Cada autor foi analisado nessa pesquisa bibliográfica de forma individual, pois apresentam especificidades, as quais nem sempre dialogam com os demais. O artigo apresenta inicialmente a descrição e principais conceitos da folkcomunicação, posteriormente faz a relação da folkcomunicação e movimentos sociais, enquanto objeto de estudo. Então, o artigo apresenta as aproximações, lacunas e contribuições da teoria brasileira da folkcomunicação com o pensamento dos três autores selecionados que discutem a mídia e os movimentos sociais.

### **Folkcomunicação: a comunicação de grupos populares**

A teoria brasileira criada por Luís Beltrão se refere ao conjunto de processos comunicacionais de pessoas ou grupos marginalizados, feita por meio de agentes ligados diretamente ou indiretamente ao folclore. Na perspectiva da folkcomunicação, o folclore é o conjunto de práticas cotidianas, das culturas populares, que se contrapõe às práticas oficiais e das elites (BELTRÃO, 1980).

Para Beltrão (1980), os indivíduos da sociedade, mesmo que não sejam comunicadores profissionais (como jornalistas e produtores dos meios de comunicação de massa), produzem comunicação com os recursos e técnicas culturalmente desenvolvidos. Essas são as formas populares de comunicação, o que Luiz Beltrão denomina de meios de comunicação folk. Os veículos folkcomunicacionais atuam como recodificadores das produções dos meios de comunicação massivos e interferem em sua produção através de um *feedback* dialético (MARQUES DE MELO, 2008, p. 24).

Embora seja uma resposta às produções massivas, a folkcomunicação também é um processo de natureza coletiva para expressão de um grupo ou de uma comunidade. Evidencia-se no processo a criação e o fortalecimento de laços que unem os participantes da comunicação popular. Esses vínculos são características culturais compartilhadas. Através da comunicação do grupo é possível observar os elementos de reconhecimento, as identidades culturais.

---

519 artigos com as combinações dos termos “mídia” e “movimentos sociais” e “comunicação” e “movimentos sociais”. Os autores que mais tiveram incidência nas referências dos artigos foram John Downing (205); Manuel Castells (183) e Cicilia Peruzzo (113).

O processo comunicação não se dá, para Luiz Beltrão (1980), de maneira linear e tampouco em um único estágio. O autor retoma as pesquisas funcionalistas desenvolvidas nos Estados Unidos que apontaram que os meios de comunicação têm influência sobre os usuários, porém, eles exercem uma influência secundária, uma vez que as pessoas e grupos com que os usuários têm vínculos são mais relevantes no processo de formação de sua opinião.

Portanto, a audiência dos meios de comunicação de massa acontece em de forma dispersa e desorganizada. A fluidez da audiência se deve pela heterogeneidade do público que recebe as informações dos meios de comunicação de massa. Não há experiências compartilhadas culturalmente entre todos os participantes da comunicação voltada para um público amplo. Os traços identitários apresentados pelos veículos massivos não têm tanta adesão quanto ao processo de comunicação dos grupos populares, em que há diálogo direto e familiar.

Luiz Beltrão apresenta o modelo de Lazarsfeld, da teoria do fluxo de comunicação em dois estágios, que evidencia o papel do líder de opinião como mediador da fronteira dos meios de comunicação de massa com o público. Esses líderes teriam forte influência sobre seus amigos e referências próximas, porque o líder de opinião é parte da audiência, mas detém o reconhecimento comunitário por terem alto conhecimento em algum assunto específico e por terem fluxos em outros grupos sociais e de comunicação, obtendo informações que o restante do grupo não tem.

Embora reconheça a existência de mediadores de opinião, Luiz Beltrão elenca elementos que complexificam o processo de comunicação. Para o pernambucano, não são apenas dois níveis de fluxo, mas múltiplos estágios. O pesquisador ressalta que há relação entre líderes e líderes de opinião, e, entre meios e receptores.

Ao líder de comunicação que integra grupos populares é dada a nomenclatura de comunicador folk. Sua principal função é a de decodificar as mensagens dos meios de comunicação de massa. O líder folk utiliza então, não a mesma linguagem da mídia massiva, mas usufrui das características culturais comunitárias. Como exemplos de canais do comunicador folk estão o cordel e o folheto na reinterpretação de um filme, mas agora, em linguagem popular.

O mediador na folkcomunicação tem características semelhantes ao apresentado por Lazarsfeld. Porém, o agente folk não é um ator de liderança necessariamente

institucionalizada, contudo, ele é legitimado por atributos culturais, como seu carisma e diálogo na comunidade em que se expressa.

### **Do comunicador folk ao ativista midiático**

Assim como no processo de comunicação popular, objeto da folkcomunicação, os estudos de Alberto Melucci (1989; 1996; 2001), apontam a importância dos líderes para a formação e desenvolvimento dos movimentos sociais. Para o autor, que tem sido classificado como membro da teoria dos novos movimentos sociais (GOHN, 1997), o início da mobilização se dá através da ação das pessoas experientes, que já conhecem formas de ação e de mobilização. Potencialmente, os mais experientes serão os líderes do movimento, pois já acumulam capital social, através das redes sociais que participa. Os líderes também possuem diferenciação dos demais integrantes do movimento por “utilizarem redes de comunicações já existentes para veicular novas mensagens e novas palavras de ordem” (GOHN, 1997, p. 156).

Características de grupos que realizam o ativismo político podem ser encontradas na obra de Luiz Beltrão, especialmente em sua categoria analítica denominada grupos culturalmente marginalizados:

Constituem-se de indivíduos marginalizados por contestação à cultura e organização social estabelecida, em razão de adotarem filosofia e/ou política contraposta a idéias e práticas generalizadas da comunidade. Desse modo, forçada ou voluntariamente, tais grupos se acham apartados dos demais que, entretanto, procuram atrair às suas fileiras, utilizando no proselitismo métodos e meios acessíveis ao público rural e urbano a que se destinam suas mensagens, sejam convencionais ou de folk, que manejam com habilidade e audácia (BELTRÃO, 1980, p. 103).

Embora não utilize o termo movimento social, Beltrão reconhece e analisa grupos de mobilização política na sociedade. O autor destaca que os membros dos grupos marginalizados possuem habilidade para dar visibilidade aos questionamentos sociais. Da mesma forma, Melucci apresenta os integrantes dos movimentos sociais como atores que utilizam a comunicação como recurso de mobilização. Segundo ele, “os movimentos contemporâneos são profetas do presente. Não têm a força dos aparatos, mas a força da palavra. Anunciam a mudança possível, não para um futuro distante, mas para o presente da nossa vida” (MELUCCI, 2001, p. 21).

Apesar do fundador da folkcomunicação não ter feito aproximações teóricas com os estudos sociológicos das ações coletivas, na atualidade pesquisadores da Rede Folkcom de Pesquisa têm realizado trabalhos (TRIGUEIRO, 2008; WOITOWICZ, 2011; FERNANDES; 2011) com o objeto de estudo clássico da sociologia, utilizando o aporte teórico das teorias dos movimentos sociais.

A obra de Osvaldo Trigueiro, discípulo de Beltrão (MARQUES DE MELO, 2006), discute a possibilidade do estudo da mobilização política na perspectiva folkcomunicacional. Trigueiro atualiza o conceito de comunicador folk de Beltrão, e o reinterpreta como ativista midiático. O autor afirma que, na folkcomunicação, esses líderes têm papel de formação política dentro do grupo, evidenciando os problemas sociais, na busca da mobilização comunitária:

O ativista midiático é um protagonista nos processos de mediações, entre o local e o global, realizados nos diferentes espaços públicos e privados que constituem a vida cotidiana do seu grupo social, não se satisfaz apenas em estar atualizado com os acontecimentos midiáticos, mas seus ativismos ressaltam na apropriação, na objetivação, na incorporação e na conversão dos conteúdos midiáticos, para o uso e consumo do seu grupo de convivência sociocultural (2008, p. 47).

Trigueiro (2008) afirma que todos os participantes nas ações de reivindicação política são ativos, pois na perspectiva da folkcomunicação não há sujeito passivo, todos os constituintes do processo – que atualmente é midiático - são ativos, pois agem na interpretação, na interação com o grupo e na reinterpretação dos conteúdos.

Percebe-se que a investigação de Trigueiro centrou sua análise para o ativista midiático e sua relação de comunicação interna e externa. Interna porque o líder interage e se constitui culturalmente no grupo social em que se insere. Seus vínculos de solidariedade e cooperação estão intrínsecos ao papel dele de mediador na comunidade. Porém, ele também analisou a comunicação externa ao grupo, buscou investigar como o ativista busca visibilidade de temas de interesse do grupo local em âmbito regional ou até mesmo global. Para isso, o ativista também deve conhecer e ter habilidade dos mecanismos e estratégias utilizadas pelos meios de comunicação massivos (TRIGUEIRO, 2008).

A perspectiva da folkcomunicação dá ênfase aos vínculos comunitários dos agentes e a formação de identidade coletiva. De acordo com a teoria proposta por Beltrão (1980), o comunicador folk não é apenas um construtor de significados na



comunidade, mas ele o é também resultado dos processos culturais do grupo, por isso sua forte vinculação aos membros do coletivo.

É possível relacionar os estudos dos laços culturais na folkcomunicação com a abordagem de alguns pesquisadores que têm objeto a mobilização social. Henriques (2007, p. 43) afirma que é necessário que as pessoas tenham fortes vínculos para que a mobilização se consolide. Segundo ele, vínculos frágeis, sem identificação cultural são capazes de motivar apenas à prática para um ato esporádico ou temporário, mas é através do compartilhamento de identidades culturais, que se criam vínculos fortes, os quais propiciam maior cooperação e mobilização.

Na apresentação feita nos próximos tópicos das principais ideias dos pensadores sobre mídia e movimentos sociais é possível observar outras possíveis aplicações da teoria da folkcomunicação na análise da ação coletiva política.

### **Folkcomunicação e a mídia radical de John Downing**

O pesquisador John Downing lançou em 1984 nos Estados Unidos o livro *Radical media*, que mais tarde teria grande influência entre pesquisadores da comunicação. No Brasil, a obra foi publicada traduzida apenas em 2002 e, com atualizações da versão original, recebeu o título *Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*.

A principal ruptura nos estudos de Downing é a ampliação do conceito de mídia. Segundo ele, a mídia pode ser compreendida como estratégias comunicativas, as quais podem operar e ser criadas por indivíduos comuns em seu cotidiano. Na abordagem de Downing, a técnica utilizada não é o eixo central. O autor valoriza a apropriação dos sujeitos da comunicação e o reconhecimento das do caráter político e cultural que as manifestações populares podem assumir.

A mudança de paradigma que Downing propõe o leva a pesquisar objetos pouco explorados pelas teorias da comunicação clássica, como o teatro, o vestuário, os cartazes e os murais. Possivelmente sem ter acesso ao trabalho à teoria da folkcomunicação, Downing também dá ênfase à cultura popular, colocando-a como “matriz da mídia radical alternativa” (DOWNING, 2004, p. 39).

Os objetos de estudos de Downing possuem muitas semelhanças com o que têm se pesquisado pela folkcomunicação. Luiz Beltrão (1965) iniciou a abordagem

folkcomunicação através do estudo dos ex-votos; depois sua tese de doutorado (1980) ampliou sua investigação, realizando análise do cordel; das festas populares; do artesanato; das feiras; das danças como o maracatu, nas escolas de samba, no frevo; nos panfletos; nas imagens sacras; entre outras. Com a Rede Brasileira de Folkcomunicação, a análise tem abordado fenômenos heterogêneos, os quais muitos também analisados por Downing (2004).

Na interface dos estudos de comunicação e movimentos sociais, o conceito mídia radical proposto por Downing possui pertinência devido à ênfase nas produções dos grupos de militância: “Com o termo mídia radical – refiro-me à mídia – em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes – que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas”. (2004, p. 21).

O discurso contra hegemônico, que historicamente está presente na mobilização política, também está presente da abordagem beltraniana, na expressão “grupos marginalizados”, os quais são produtores ativos na comunicação folk e que, segundo Beltrão, são “grupos culturalmente marginalizados, que contestam a cultura dominante” (2004, p.116). A expressão marginal, na teoria da folkcomunicação, se refere “as minorias sociais (...) que buscam romper com sistemas de exclusão e discriminação presentes na sociedade” (WOITOWICZ, 2007, p. 60).

Com o objeto de estudo compartilhado, com atores definidos de forma semelhante, como agentes ativos e contestadores, além da ênfase às culturas populares é que a teoria da folkcomunicação pode dialogar e se aproximar dos estudos da mídia dos movimentos sociais, ou mídia radical, como prefere John Downing. A contribuição da Folkcomunicação para a mídia radical é o aporte teórico e empírico para fenômenos locais brasileiros, que revelam as especificidades e hibridismos culturais presentes no país. Já os estudos de Downing e seus colegas que elaboram Mídia Radical atualizam e ampliam o debate teórico acerca da comunicação na mobilização social com os conceitos de esfera pública, comunidade, internet e fenômenos globais.

### **Folkcomunicação e a comunicação comunitária em Peruzzo**

A pesquisadora brasileira Cicilia Maria Krohling Peruzzo tem dedicado a maior parte de sua trajetória acadêmica em estudos acerca do que denomina comunicação



comunitária e alternativa. A expressão tem sido utilizada para categorizar a comunicação que resulta do processo de participação da sociedade civil.

A comunicação comunitária e alternativa se caracteriza como expressão das lutas populares por melhores condições de vida que ocorrem a partir dos movimentos populares e representam um espaço para participação democrática do “povo”. Possui conteúdo crítico-emancipador e reivindicativo e tem o “povo” como protagonista principal, o que a torna um processo democrático e educativo. É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa (PERUZZO, 2004, p.124-125).

A centralidade nas pesquisas da autora é na problemática da cidadania. Para Peruzzo (2006), a cidadania só é garantida quando os indivíduos possuem canais abertos à participação nos diversos segmentos. Ela destaca que os movimentos sociais têm contribuído, através da comunicação comunitária e alternativa, para a efetivação do direito à participação. O direito à comunicação, para Peruzzo (2009, p. 36), tem sido uma demanda reivindicada pela sociedade civil através de ação coletiva, para que sejam fortalecidos e ampliados os meios de comunicação produzidos por membros não pertencentes às elites econômicas e políticas.

Peruzzo é então uma defensora da democratização da comunicação, em outras palavras, a pesquisadora defende a igualdade e a liberdade das mídias. “Igualdade de acesso da população aos meios de comunicação (...) e liberdade no uso desses canais de comunicação, segundo as necessidades dos grupos humanos, contribuem para o avanço da qualidade da cidadania” (PERUZZO, 2009, p. 42).

Com o destaque dado por Cicilia Peruzzo à valorização e, sobretudo, a garantia do direito das comunicações populares, pode-se afirmar que ela defende a própria folkcomunicação. Pois como afirmou Beltrão (1980, p. 20), a comunicação folk está em constante ameaça, uma vez que as elites pretendem impor modelos e dogmas de pensamento para se adequar aos propósitos políticos e mercantis.

Peruzzo também contribui para a folkcomunicação na revisão crítica que faz do conceito de comunidade. No livro “Comunicação e movimentos populares: quais redes?” (2002), os textos da coletânea fornecem subsídios para a interpretação das transformações das comunidades com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação. Peruzzo (2002, p. 275 – 295) afirma que não ouve uma grande ruptura

das características tradicionais de comunidade com a utilização de novos aparatos tecnológicos. Ela destaca que ainda na atualidade elementos de cooperação e solidariedade permanecem nos movimentos sociais contemporâneos, o que se alterou foi a espacialidade geográfica, a qual não deixou de existir, no entanto, passou a coexistir junto com a espacialidade digital.

A comunidade é um conceito relevante na abordagem folkcomunicação, pois é nela que se formam as identidades coletivas que dão significado à comunicação popular. É também na comunidade que acontece o processo tradicional de aprendizado entre gerações, onde são transmitidas as formas de comunicação peculiares dos grupos.

### **Folkcomunicação e a sociedade em rede de Castells**

O pesquisador espanhol Manuel Castells tem sido referência a muitos pesquisadores dos movimentos sociais contemporâneos devido a sua trilogia *A era da informação*: economia, sociedade e cultura. Publicada em 1996, a obra se baseia no argumento que dá o título do primeiro volume: *A sociedade em rede*. O texto enfatiza que o surgimento das novas tecnologias de comunicação e informação modificou profundamente as relações sociais, sejam elas em esfera local ou internacional. A sociedade, a economia, a política e até mesmo nossas características culturais estão atreladas às conexões sociais propiciadas pelas tecnologias (CASTELLS, 2010, p. 417).

No segundo livro da trilogia (*O poder da identidade*), o autor então enfatiza e mapeia ações de identidades de resistência, as quais são “criadas por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo assim trincheiras de resistência (...)” (CASTELLS, 2010a, p. 24).

Em seu mapeamento da ação coletiva contemporânea, Castells (2010a) observa que a mobilização política é construída estrategicamente através da difusão de informações para construção de identidades, em contraponto a identidade legitimadora (produzida por instituições dominantes). A identidade em construção – “identidade de projeto” – é analisada em estudo de caso da militância dos zapatistas do México. A mobilização é descrita como o primeiro movimento de guerrilha em que a informação é essência de formação do próprio grupo. Toda estratégia comunicativa objetivou expandir os valores do grupo para a criação de identidades na busca de adesão.

Na obra de Castells, embora exista uma supervalorização do poder das novas tecnologias de comunicação e informação, existe um predomínio do estudo acerca das identidades dos grupos em ação. O pesquisador espanhol investiga o fenômeno do ativismo desde sua formação, através da observação empírica em alguns casos, e traz elementos externos aos grupos, como o contexto econômico e político que integram.

Embora destaquemos que a folkcomunicação tenha contribuído para o estudo da comunicação manifesta nas culturas populares, por vezes a perspectiva carece de abordagem que inter-relacione elementos internos e externos às comunidades. Castells indica que é possível através da pesquisa reconhecer os processos culturais existentes internamente nos grupos, mas que esses necessitam, sobretudo na sociedade atual formada por interconexões sociais, serem complementados por uma abordagem das formas organizacionais políticas e os conflitos econômicos.

Castells também pode fornecer subsídios aos estudos folkcomunicacionais na relação de grupos sociais de militância política com a internet, uma vez que essa tecnologia possibilita a comunicação de maior alcance geográfico, que as tradicionais investigadas por Luiz Beltrão. Na sociedade contemporânea não se pode desconsiderar que grupos populares tradicionais também a utilizam como recurso estratégico para a visibilidade. Exemplo dessa apropriação é o portal Índios *online*<sup>4</sup>, que é produzido por indígenas brasileiros que defendem demandas específicas para a etnia.

### **Considerações finais**

Essa pesquisa observou que a folkcomunicação, apesar de ter mais de 40 anos, ainda não é uma referência para pesquisadores em comunicação nos movimentos populares. Marques de Melo argumenta que um dos motivos para que a folkcomunicação não tenha influenciado pesquisadores da área de forma ampla é a dificuldade em encontrar as obras de referência da teoria. “Eles [os livros da área] nem sequer estão disponíveis nas bibliotecas das novas universidades brasileiras, dificultando assim o acesso dos novos leitores, ávidos de conhecimento” (MARQUES DE MELO, 2008, p. 49).

---

<sup>4</sup> Disponível em <http://www.indiosonline.net>.

A folkcomunicação enquanto abordagem pode ter contribuições para as pesquisas acerca da mobilização contemporânea. Isso porque a perspectiva enfoca as relações internas dos grupos, busca desde sua raiz cultural até suas formas de transmissão tradicionais e identitárias. Possivelmente a folkcomunicação ofereça aporte metodológico para a principal questão que os pesquisadores na área tem tido dificuldades em responder, que é por que as pessoas se mobilizam? Vínculos da cultura popular e o forte papel de mediação dos comunicadores folk apontam a pertinência da disciplina para tentar responder ao questionamento.

As contribuições dos pesquisadores em mídia e movimentos sociais, nos trabalhos de Downing, Peruzzo e Castells, para a folkcomunicação foram observadas ao enfatizar elemento os quais a teoria beltraniana não discute, ou problematiza de forma insuficiente. Podem-se citar principalmente os dilemas contemporâneos como as relações sociais que são formadas em redes, não somente de comunidades; o debate de movimentos transnacionais; as novas tecnologias de informação e de comunicação; e até mesmo o enfoque da cidadania, que discute o papel da comunicação no sistema democrático.

Os diálogos entre as referências conceituais mostraram-se pertinentes, uma vez que tanto a ênfase culturalista da folkcomunicação pode cobrir uma lacuna dos pesquisadores contemporâneos citados, como as discussões e ênfases nos contextos sociais, políticos e econômicos podem auxiliar a perspectiva folkcomunicacional a não cair na armadilha do estudo das culturas populares e desconsiderar relações externas ao grupo, sobretudo na abordagem da ação política, que hoje, mais do que nunca, possui seu desenvolvimento através de amplas redes sociais fragmentadas e permeadas pela comunicação.

## **Referências**

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

\_\_\_\_\_. O ex-voto como veículo jornalístico. *In: Comunicação & Problemas*. Ed. 1, nº1. Recife: 1965.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. *In: A era da informação: economia, sociedade e cultura*, vol.1, São Paulo: Paz e Terra, 2010.

\_\_\_\_\_. O poder da identidade. *In: A era da informação: economia, sociedade e cultura*, vol.2, São Paulo: Paz e Terra, 2010a.

FERNANDES, G. M. . Aproximações teóricas e empíricas entre a folkcomunicação e os Estudos Culturais. *In: Revista Internacional de Folkcomunicação*, v. 1, p. 1-20, 2011.

DOWNING, John. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2004.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

HENRIQUES, Márcio S. (Org). **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular**: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MARTÍN-BARBERO, J.. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 6.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MELUCCI, Alberto. **Challenging codes**: collective action in the information age. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press, 1996.

\_\_\_\_\_. **A invenção do presente**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. Um objetivo para os movimentos sociais? *In: Lua Nova*. São Paulo: junho de 1989, n.17.

PERUZZO, C.M.K. . **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. v. 1. 342p.

\_\_\_\_\_. **Comunicación y movimientos populares**: cuales redes?. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2002. 359p.

\_\_\_\_\_. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. *In: Denise Cogo; João Maia. (Org.). Comunicação para a cidadania* Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006, v., p. 41-55.

\_\_\_\_\_. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas. **Revista Fronteira**, v. 11, p. 33-43, 2009.

TARROW, S. **O poder em movimento**. Movimentos sociais e confronto político. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação & ativismo midiático**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2008a.

WOITOWICZ, Karina J. Diálogos entre folkcomunicação e mídia alternativa: um passeio teórico pelas formas de comunicação dos grupos marginalizados. *In: Razón y Palabra*, edi. 77, México: 2011.

\_\_\_\_\_. Grupos marginalizados. *In: GADINI, S. L.; WOITOWICZ, K. J (Orgs.). Noções Básicas de Folkcomunicação*. Editora UEPG: Ponta Grossa, 2007.